

Violência doméstica contra a mulher e pandemia Covid-19: o que destaca a literatura?

DOI: 10.5935/1984-9044.20210007

Daniel Gomes de Lima¹, Luanna Gomes de Almeida², Rafaela Nunes de Lima¹, Natania Silva Tavares Monteiro¹, Beatriz de Castro Magalhães¹, Grayce Alencar Albuquerque¹

Resumo: O estudo objetiva descrever a relação entre pandemia COVID-19 e violência doméstica contra a mulher. Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, construído com base na leitura crítica de estudos científicos atuais sobre violência doméstica contra a mulher e pandemia Covid-19. Foram originadas seis categorias que destacam a problemática da violência doméstica como questão de gênero, a qual foi agravada pelo distanciamento social; discutem as repercussões mentais ocasionadas pela violência e pandemia e destaca a crise econômica como fator agravante da violência doméstica e intensificado por ela; e discorrem sobre as dificuldades profissionais no atendimento às mulheres em situação de violência durante a pandemia e elenca estratégias de enfrentamento. Percebe-se que os estudos reforçam que a causalidade da violência doméstica contra a mulher ancora-se nas desigualdades de gênero; e, apesar de a pandemia não ser a causa direta do fenômeno, ela se destaca por incutir maior vulnerabilidade feminina a esse agravo.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19, pandemia, violência doméstica.

Domestic violence against women and the Covid-19 pandemic: what does the literature highlight?

Abstract: The study aims to describe the relationship between the COVID-19 pandemic and domestic violence against women. This is a theoretical-reflective study, based on a critical reading of current scientific studies on domestic violence against women and the COVID-19 pandemic. Six categories were created that highlight the problem of domestic violence as a gender issue, which was aggravated by social distance; discuss the mental repercussions caused by violence and pandemic and highlight the economic crisis as an aggravating factor of domestic violence and intensified by it; and discuss the professional difficulties in assisting women in situations of violence during the pandemic and list coping strategies. It is noticed that the studies reinforce that the causality of domestic violence against women is anchored in gender inequalities; and although the pandemic is not the direct cause of the phenomenon, it stands out for instilling greater female vulnerability to this disease.

KEY WORDS: Covid-19, pandemic, domestic violence

¹ Universidade Regional do Cariri

² Prefeitura Municipal de Brejo Santo; Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

Introdução

Os impactos da pandemia da Covid-19 ultrapassam a esfera individual, atingindo a esfera coletiva e, assim, para reduzir a magnitude de seus agravos na coletividade, foram impostas medidas restritivas como o isolamento social que, embora controverso, é de suma importância para tentar reduzir a curva de contaminação e, por consequência, os impactos gerados pela pandemia (Lima, 2020).

Entretanto, os efeitos colaterais gerados por esse isolamento repercutiram significativamente em determinados grupos populacionais tidos como vulneráveis, a exemplo das mulheres que, em decorrência dos efeitos provocados na economia das famílias, do distanciamento de serviços de apoio e do próprio aumento de tempo de convívio com parceiros

íntimos, tornaram-se mais suscetíveis à violência doméstica (Marques et al., 2020)

A violência doméstica, de acordo com a Lei Maria da Penha, é caracterizada por qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial (Brasil, 2021). Com esse agravo, uma das principais violências mais comumente observadas é a violência por parceiro íntimo (VPI), definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como o comportamento de um parceiro ou ex-parceiro dentro de um relacionamento íntimo que cause danos físicos, sexuais e psicológicos à mulher, podendo se apresentar de várias formas, através da violência física, sexual, psicológica, patrimonial e moral (Brasil, 2006; OMS, 2012).



Esse tipo de violência acomete um grande número de mulheres. De acordo com o Atlas da Violência (2020), no ano de 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que representa uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil mulheres. O mesmo levantamento revelou que entre 2008 a 2018 houve aumento de 4,2% nos assassinatos de mulheres e, em alguns estados, a taxa de homicídios em 2018 mais do que dobrou em relação a 2008 (Cerqueira et al., 2020).

Segundo o Mapa da Violência, antes da pandemia do novo coronavírus, no Brasil, 55,3% dos casos de violência contra o público feminino ocorriam no âmbito doméstico e, desses, 33,2% foram ocasionados por companheiros ou ex-companheiros das mulheres, colocando o Brasil como o 5^a país que mais mata mulher entre 83 países do mundo (Waiselfiz, 2015).

Dados atuais da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDDH) do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) relevam que no Brasil houve um aumento significativo nas denúncias de violência contra mulheres desde que foram implementadas as medidas de bloqueio e distanciamento social, em consequência da pandemia Covid-19, registrando-se um crescimento de 18% nas denúncias (Brasil, 2021). Tal realidade não se limita apenas ao âmbito brasileiro, mas se estende pelo território internacional, em países como China, Itália, França, Espanha, Colômbia e África do Sul, que têm apresentado, durante a pandemia, um aumento no número de denúncias e atendimentos à mulher em situação de violência, quando comparados ao ano de 2019 (Wanqing, 2020; La Província, 2020; Euronews, 2020; Alencar et al., 2020).

É importante destacar que, para se enfrentar a violência doméstica contra as mulheres, principalmente durante a pandemia, as ações elencadas devem ultrapassar o registro de denúncias, sendo necessária a criação de estratégias voltadas para a busca e acolhimento das mulheres em situação de violência, de forma a proporcionar segurança e suporte social. Para tanto, faz-se necessário o conhecimento da real situação a que mulheres estão submetidas durante a pandemia Covid-19. Daí serem importantes

e necessários os estudos nessa temática para que sejam discutidos e publicizados (Viera, 2020).

Assim, levando-se em consideração essa prerrogativa, este estudo objetivou descrever a relação entre pandemia Covid-19 e violência doméstica contra a mulher na literatura científica, a fim de elencar e destacar relações causais e estratégias de enfrentamento que possam fornecer medidas de suporte e orientação psicológica, social e jurídica perante esse agravo.

Método

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, construído com base na leitura crítica de estudos científicos atuais que se propõem a discutir a relação entre violência doméstica contra a mulher e pandemia covid-19. Essa construção teórica aproxima-se da abordagem qualitativa, tendo em vista a

interpretação e a análise dos elementos teóricos obtidos por meio do levantamento bibliográfico realizado (Minayo, 2006).

O percurso metodológico incluiu o levantamento bibliográfico, por meio do qual se realizou uma pesquisa exploratória de estudos, em formato eletrônico, presentes

na plataforma *Google – COVID-19 Research Explorer*, um buscador do *Google*, de acesso gratuito, baseado em inteligência artificial, que reúne pesquisas científicas complexas relacionadas à Covid-19, a partir da utilização dos descritores em inglês ‘*Coronavirus Infections*’ (e termo correlato ‘COVID-19’) e ‘*Violence Against Women*’, consultados através do *Medical Subject Headings (MeSH)* e combinados entre si com o operador booleano AND. Optou-se pelo uso do descritor mais amplo ‘*Violence Against Women*’ (violência contra a mulher) na referida base de dados para ampliar o processo de busca dos artigos, uma vez que a violência doméstica contra a mulher necessariamente encontra-se inserida dentro de seu conceito mais amplo, que é a violência contra as mulheres.

O processo de coleta se deu de forma não sistemática, no período de dezembro de 2020 a janeiro de 2021. Foram adotados como

critérios de inclusão para seleção dos estudos aqueles que versassem sobre violência doméstica contra mulher e pandemia Covid-19; produzidos no ano de 2020 e 2021 (até mês de janeiro); nos idiomas inglês, português e espanhol e com disponibilidade de acesso ao conteúdo na íntegra.

O banco de dados foi constituído inicialmente por 100 artigos. Foram excluídos 32 artigos por não se relacionarem à temática, 23 por não estarem disponíveis para acesso online e 1 por se tratar de comentário. Os 44 artigos restantes foram submetidos à leitura dos resumos e na íntegra, com inclusão de todos por atenderem ao objetivo do estudo.

Para o processamento dos achados dos artigos, realizou-se análise dos resumos no programa *Interface de R pour L Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeQ), versão 0.7 alfa 2 (RATINAUD,

2009). Esse *software*, de instalação gratuita, permite a análise estatística clássica do texto. Foram processados nesse programa os resumos de cada artigo, em que foi utilizada, como forma de análise do *corpus* textual, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que divide o *corpus* em classes, agrupando as palavras de acordo com a maior associação com a classe e apresentando o percentual de representação no *corpus* estudado (RATINAUD, 2009). Dessa forma, a partir da CHD, identificaram-se seis clas-

ses, convertidas em seis categorias que foram analisadas em consonância com a literatura científica pertinente.

No que se refere às pesquisas envolvendo documentos presentes em banco de dados secundários que contenham dados disponíveis e de domínio público, que não identifiquem participantes da pesquisa e sem envolvimento de seres humanos, não há necessidade de aprovação por parte do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Resultados e discussões

Após identificação e leitura integral dos 44 artigos elegíveis, buscou-se, após leituras, obter semelhanças em seus objetivos,

conclusões apontadas e estratégias elencadas de enfrentamento à violência doméstica contra a mulher, conforme Tabela 1

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E A PANDEMIA COVID-19: O QUE DESTACA A LITERATURA?

| Objetivo | Número de artigos | Conclusão | Número de artigos | Estratégias encontradas | Número de artigos |
|--|-------------------|--|-------------------|---|-------------------|
| Relacionar o isolamento social e pandemia com o aumento da violência doméstica contra mulheres | 29 | Reafirmação da importância do combate à violência doméstica contra a mulher | 22 | Capacitação de equipes de saúde para combater a violência doméstica contra a mulher | 09 |
| Relacionar o aumento da violência doméstica contra a mulher ao impacto econômico gerado pelo isolamento social | 09 | Reforço à importância do empoderamento feminino no combate à crise econômica e violência doméstica contra a mulher | 05 | Divulgação dos serviços disponíveis para combater a violência doméstica contra a mulher no contexto da pandemia | 14 |
| Descrever o papel dos profissionais de saúde no combate à violência doméstica contra a mulher | 13 | Reafirmação da associação entre pandemia COVID-19 e aumento da violência doméstica contra a mulher | 27 | Investimento em políticas públicas e nas redes de apoio, segurança e educação para combater a violência doméstica contra a mulher | 30 |
| Destacar a necessidade de ações e políticas para segurança e dignidade das mulheres em situação de violência doméstica | 07 | Destaque à importância dos serviços e profissionais de saúde no combate a violência doméstica contra a mulher | 14 | Uso da telessaúde para identificação e combate à violência doméstica contra a mulher | 10 |
| Total | 58* | | 68* | | 63* |

Fonte: Google Covid-19 Research Explorer

* Informações extraídas após leitura dos artigos. Número de informações levantadas maior que a quantidade de artigos incluídos na revisão, uma vez que em vários artigos analisados havia informações relevantes.



Quanto aos objetivos dos estudos identificados, a maioria deles (n=29) objetivaram relacionar o isolamento social e a pandemia com o aumento dos casos de violência doméstica contra a mulher, estando em segundo lugar aqueles que objetivaram descrever o papel dos profissionais de saúde diante do agravo (n=13).

As principais conclusões a que chegaram os estudos revelaram, em sua maioria (n=27), que existe associação entre a ocorrência de casos de violência doméstica contra a mulher e a pandemia Covid-19, apontando a importância do combate a esse agravo (n=22).

Em relação às estratégias elencadas para esse devido enfrentamento, a maioria (n=30) destaca a importância de investimento em políticas públicas e redes de apoio, segurança e educação como necessário à redução desse

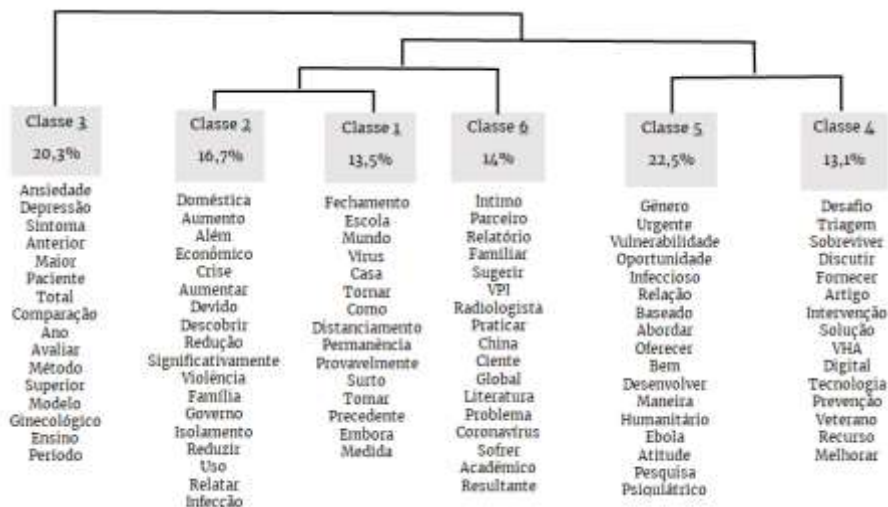
fenômeno, bem como, de suas sequelas. Em segundo lugar está a necessidade de maior divulgação desses serviços à população (n=14).

Quanto à análise qualitativa dos achados, essa se deu pelo acesso aos resumos dos estudos que foram extraídos e processados pelo *software* IraMuteQ. A análise pelo *software* resultou em considerável grau de aproveitamento (83,77%), visto que, dos 265 segmentos de textos oriundos dos resumos, foram retidos 222.

A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) para os resumos dividiu o *corpus* textual em seis classes, tendo as palavras das classes $p < 0,0001$. A classe mais expressiva foi a classe cinco (22.5%), seguida da três (20.3%), dois (16.7%), seis (14%), um (13,5%) e quatro (13,1%), conforme Figura 1.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E A PANDEMIA COVID-19: O QUE DESTACA A LITERATURA?

Figura 1 - Classificação Hierárquica Descendente com as partições e conteúdo *corpus* da pesquisa para produções científicas sobre violência doméstica contra a mulher durante a pandemia de COVID-19



Fonte: IRaMuTeQ. Brasil, 2020

O processamento dos dados qualitativos permitiu, pela identificação das classes e de suas palavras de destaque, extrair a relação entre violência doméstica contra a mulher e pandemia Covid-19, com suas relações de proximidade, impactos, desafios e

estratégias de enfrentamento, que subsidiaram a elaboração de seis categorias temáticas, a partir de cada classe, sendo cada categoria apresentada em ordem decrescente das classes obtidas, ou seja, da maior para a menor em representatividade.

Categoria 1: Caracterização da violência doméstica contra a mulher como violência de gênero

Nos artigos analisados que compõem a classe 5, com maior representatividade (22.5%), observa-se a prevalência dos termos “gênero”, “urgente” e “vulnerabilidade”. Essas palavras demonstram que os estudos reforçam a origem da violência doméstica contra as mulheres, apontando que as raízes para a opressão do público feminino têm base patriarcal e machista, em decorrência das desiguais relações de gênero. Portanto, corresponde a um problema urgente que necessita de ações articuladas para seu efetivo enfrentamento, sobretudo durante a pandemia Covid-19, conforme abaixo:

(...) esses resultados detectam **atitudes** do pessoal de **saúde** social e seus sentimentos de impotência em **relação** aos perpetradores **baseados** no **gênero** devido ao surgimento de uma repetitividade inevitável do comportamento violento, bem como, a normalidade da violência em **uma cultura patriarcal** e sua transversalidade (...) (res_44, score: 114.14).

(...) a covid 19 **afeta** as mulheres de **maneiras únicas** em relação aos impactos das desigualdades estruturais **relacionadas** a **gênero**, sexualidade, deficiência, raça e status socioeconômico, neste artigo refletimos sobre nossas próprias experiências da pandemia (...) (res_16, score: 94.000).

(...) portanto os governos nacionais e regionais devem trabalhar para melhorar a igualdade de **gênero** juntamente com a **abordagem** dos **fatores** de risco em vários níveis, usando **abordagens baseadas** na **comunidade** e na instituição para prevenir a VPI e atingir **especificamente** o ODS5 de eliminação da violência contra as mulheres até 2030 (...) (res_04, score: 88.075).

A desigualdade de gênero se mantém ao longo da história e se fortalece nos discursos patriarcais e machistas, culturalmente socializados e opressores sob os corpos femininos. Ressalta-se que uma das mais brutais exteriorizações dessa desigualdade é a violência contra a mulher, a qual gera grandes repercussões em sua vida e, principalmente, em sua saúde (Souza & Cintra, 2018).

De um modo geral, a violência tem crescido demasiadamente nos últimos tempos, constituindo-se em grave problema de saúde pública. Particularmente, a

violência de gênero apresenta singularidades, sendo um fenômeno mundial em ascensão que fere a dignidade humana, contrariando a igualdade entre os povos, com desfechos desastrosos ocorrendo em todas as classes sociais e preferencialmente no âmbito doméstico (Brilhante et al., 2016).

O gênero é uma condição criada para demonstrar que a grande maioria das diferenças entre os sexos são formadas socialmente e culturalmente com base nos papéis sociais diferenciados que, na ordem patriarcal, criam polos de dominação e submissão (Ali & Naylor, 2013; Adeyemo & Bamidele, 2016). Assim, o gênero engloba as diferenças socioculturais existentes entre o sexo feminino e o masculino e a violência contra a mulher é uma das consequências das desigualdades oriundas dessas relações. Trata-se de um ato baseado nas relações entre os sexos, que provoca danos físicos e

psicológicos ou sofrimento para a mulher (Lucena & Tristán-cheever, 2018).

A Declaração sobre Eliminação da Violência contra a Mulher define essa forma de violência como qualquer ato de violência baseada no gênero que resulte, ou possa resultar, em sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação de liberdade, seja na vida pública ou privada (Souza & Cintra, 2018).

Em meio às crises sanitárias, econômicas e sociais, como aquelas envolvidas com a pandemia Covid-19, elevam-se as chances para ocorrência do agravo, especificamente em ambiente doméstico. Assim, a violência doméstica contra a mulher, resultado das relações desiguais de gênero, distanciamento social, estreita relação com os parceiros íntimos (agressores), restrições de movimento, redução ou ausência de

contato com a rede de apoio social e familiar, limitações financeiras e insegurança generalizada (ONU, 2020), tem sofrido súbito aumento de casos no contexto da pandemia, sendo o lar, muitas vezes, um lugar de medo e abusos constantes (Marques et al., 2020).

No contexto internacional, sob a perspectiva epidemiológica, resalta-se que alguns países vêm se destacando com o aumento nos índices de violência contra a mulher, desde o início da pandemia COVID-19, dentre eles China e Itália, cujos registros policiais de violência doméstica triplicaram e duplicaram, respectivamente, quando comparados ao mesmo período em 2019 (Wanqing, 2020; La província, 2020); a França, que anteriormente à pandemia já possuía uma das maiores taxas de violência da Europa, teve aumento de 36% em Paris e 32% no restante do país após a implementação da quarentena domiciliar (Euronews, 2020); a Espanha

registrou um aumento de 47% e as denúncias *online* no país subiram 700%; a Colômbia registrou aumento de 163% no número de emergência às mulheres em situação de violência e, na África do Sul, as linhas telefônicas do disque-denúncia tiveram o dobro de ligações (Alencar et al., 2020). No Brasil, o aumento foi de 18% nas denúncias aos serviços Disque 100 e Ligue 180, segundo a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH) do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), entre os dias 1 e 25 de março de 2020 (Brasil, 2020).

Mediante esse cenário e considerando que a violência doméstica contra a mulher está imbricada às desigualdades de gênero, presentes desde muito antes da pandemia, percebe-se que os estudos mencionam estratégias de enfrentamento a longo prazo, a exemplo de Tadesse et al. (2020), ao sugerir que governos nacionais e regionais trabalhem para melhorar a igualdade de gênero, juntamente com a abordagem dos fatores de risco em vários níveis, usando intervenções baseadas na comunidade, ou seja, levando em consideração as particularidades de cada população para prevenir esse agravo.

Categoria 2: Impactos da violência doméstica na saúde mental das mulheres

Nos resumos avaliados que compõem a classe 3, com 20.3%

de representatividade, observa-se a prevalência dos termos “an-

siedade” e “depressão”, que identificam a relação entre os impactos na saúde mental em decorrência da violência doméstica contra a mulher durante a pandemia Covid-19. Assim, identificou-se a manifestação de sintomas de transtorno mental nas mulheres, sobretudo gatilhos de ansiedade e depressão, conforme os trechos abaixo:

(...) conduzimos uma série de **regressões logísticas** multinomiais, multivariadas para **avaliar** as associações entre **tempo** desde a ordem de permanência em casa e exposição à violência **sexual** do parceiro e sempre com nossos resultados de interesse **sintomas de depressão** e ou **ansiedade** nas últimas 2 **semanas** (res_33, score: 170.007).

(...) o **número** de famílias com qualquer **nível de insegurança alimentar** aumentou 51.7 por cento, os **sintomas de depressão** e **ansiedade** das mães aumentaram durante o **bloqueio** entre as mulheres que **sofreram** violência emocional

ou **física moderada** (...) (res_38, score: 161.65)

(...) em **modelos ajustados** para gênero, história de violência **sexual** e de parceiro e outros **dados demográficos**, o **tempo** foi significativamente associado a maior gravidade dos sintomas de saúde mental, assim como VPI e violência sexual (...) (res_30, score: 137.089)

A violência doméstica contra as mulheres apresenta impactos negativos em sua saúde mental, como resultado da opressão, agressão e ameaças dentro de um relacionamento, associados à perda da interação social decorrente da pandemia (Mendonça, 2020).

O surgimento de enfermidades de origem mental, como depressão, insônia, ansiedades e outros tipos favorecem que as mulheres em situação de violência sejam mais propensas a maior risco para adoecimento (Amaral et al., 2016; Trigueiro et al., 2017; Sedri et al.,

2020). Sousa, Lucena e Lucena (2018) sinalizam em sua pesquisa que problemas mentais como transtornos de ansiedade, distúrbios do sono e alimentação, depressão, stress e comprometimentos da sexualidade, além de problemas cardíacos, vasculares, assim como vida social prejudicada, encontram-se presentes em mulheres acometidas por violência.

Estudos como o de Avdibegovic, Brkic & Sinanovic (2017) demonstram que a violência doméstica contra a mulher se apresenta como um fator de risco para distúrbios de saúde mental, afirmando a necessidade de um suporte psicológico nesses casos. O estudo de Batista e Braz (2017) demonstra a relação da violência doméstica contra esse público com aumento da incidência de síndrome do estresse pós-traumático, transtornos do espectro da depressão, maiores chances de sofrer por abuso de

álcool e/ou drogas ilícitas, transtornos de ansiedade generalizada e aumento nas tentativas de suicídio, revelando assim que esse agravo tem efeitos danosos para a saúde mental das mulheres.

Nesse contexto, os desafios impostos pela pandemia (número crescente de contaminados e medo do vírus, crise econômica, desemprego), por si sós, já podem impactar negativamente na saúde mental e, quando aliados à violência e adoecimento mental prévio, dificultam ainda mais o cuidado emocional, principalmente considerando que, durante o distanciamento social, o apoio de familiares e amigos, bem como das redes formais de enfrentamento à violência estão comprometidos (Raj et al., 2020; Hamadami et al., 2020).

Estudo realizado em 2020, com 7.053 pessoas na Espanha, identificou que a saúde mental das mulheres foi mais afetada em

comparação com a dos homens, em que de 31,2% e 28,5% das mulheres relataram ansiedade e depressão, respectivamente, enquanto essas morbidades foram relatadas apenas por 17,7% e 16,7% dos homens (Jacques-aviño et al., 2020), o que reflete uma vulnerabilidade de gênero ao adoecimento mental que, quando associada à violência sofrida, coloca a mulher em situação de duplo sofrimento.

Entre as estratégias identificadas nos estudos para lidar com o impacto na saúde mental pela relação pandemia e violência doméstica, destaca-se o incentivo da oferta de ações voltadas à atenção psiquiátrica, como: i)

abordagem de fatores de risco para a perpetração da violência doméstica como a identificação do uso indevido de substâncias; ii) prestação de serviços de apoio, defesa e tratamento das mulheres em situação de violência doméstica, incluindo programas de apoio social virtuais; iii) trabalho intersetorial entre serviços médicos e sociais; iv) desenvolvimento de intervenções psicológicas para as mulheres identificadas em situação de violência e v) criação de capital psicológico (incentivo a posturas positivas em vez de reativas), por meio da resiliência, esperança e otimismo (Raj et al., 2020; Gulati & Kelly, 2020; Sediri et al., 2020; Sharma & Borah, 2020).

Categoria 3: Aumento da violência doméstica contra a mulher e crise econômica



Nos resumos avaliados que compõem a classe 2, com 16.7% de representatividade, observa-se a prevalência dos termos “doméstico”, “aumento”, “crise” e “econômico”. Os trechos a seguir revelam que a crise econômica instalada durante a pandemia Covid-19 potencializou o aumento de casos de violência doméstica contra a mulher, no entanto, evidencia-se que o aumento dos índices de violência doméstica contra a mulher também retroalimenta negativamente a crise econômica. Destaca-se, dessa forma, uma interrelação entre violência doméstica e crise econômica.

(...) Além disso esses **aumentos** da **violência doméstica** estão gerando **crises econômicas** e sociais devido à forma e gravidade da **violência** ao fardo imposto ao **governo** à **crise** de recursos e à **diminuição** da produtividade da força de trabalho (...)(res_13, score: 193.26).

(...) a **crise** covid 19 resultou em uma variedade de problemas de

saúde física e mental, além da própria infecção viral conforme indicado por um **aumento** na **violência doméstica** (...) (res_32, score: 149.10).

(...) a crise **criou** fatores de **estresse** e **isolamento** que se intensificaram, o que criou um ambiente para **aumento** da **violência doméstica** (...) (res_36, score: 133.48).

No que diz respeito ao aumento da violência doméstica contra as mulheres durante a crise econômica, destaca-se que o principal gatilho para o agravamento das condições sociais e da situação de saúde é o aumento da taxa de desemprego, que gera estresse e precipita conflitos entre o casal (Bright, Burton & Kosky, 2020; Abuhammad, 2020). A perda do emprego leva à redução da renda das famílias, às perdas financeiras e ao aumento do endividamento, resultando em empobrecimento, aumento dos divórcios, da violência e, consequentemente, das desigualdades sociais (Vieira, 2016).

Com a crise econômica (Sharma & Borah, 2020), muitas casas de proteção à mulher foram fechadas temporariamente ou reduzidas em percentual de atendimento, e delegacias de defesa da mulher sofreram redução do número de profissionais, pois os custos se voltaram principalmente para a área da saúde e econômica, visando atender às necessidades básicas da população (Silva et al., 2020; Buttel & Ferreira, 2020; Dahal et al., 2020).

No tocante às estratégias de enfrentamento à crise econômica

imposta, Haq, Raza & Mahmood (2020) destacam que, levando em consideração o papel do desemprego na incidência da violência doméstica contra a mulher, os formuladores de políticas públicas devem distribuir maiores recursos para aumentar a renda e combater o desemprego crescente, impactando positivamente na redução da violência e permitindo o empoderamento das mulheres, o que leva a uma retroalimentação positiva na economia, uma vez que menos gastos com a saúde das vítimas serão dispensados.

Categoria 4: Violência doméstica contra a mulher: em destaque o parceiro íntimo

Nos resumos dos manuscritos analisados que compuseram a classe 6, com 14% de representatividade, observa-se a prevalên-

cia dos termos: "Íntimo", "Parceiro" e "Relatório", conjunto de palavras que reforça a ideia de que a violência doméstica contra

a mulher praticada por parceiros íntimos, embora já existente, teve um aumento durante a pandemia Covid-19, fato comprovado pela análise de relatórios sobre violência doméstica contra a mulher em todo o mundo, levantados e analisados pelos estudos.

(...) este tem como **objetivo** explorar duas **questões** relacionadas aos **impactos** da pandemia covid 19 sobre a **violência familiar** na **China**, sendo a **violência praticada** pelo **parceiro íntimo** sua forma mais comum (...) (res_37 - score: 184.12)

(...) a **violência por parceiro íntimo** **VPI** é uma pandemia **global** e **muitos** foram **vítimas** dela **muito** antes da covid 19 e **organizações** internacionais documentaram um aumento nos **relatórios** de **VPI** durante a atual pandemia, **aumentando** a conscientização sobre as **causas** potenciais para tal aumento (...) (res_09 - score: 181.58)

(...) os **relatórios** iniciais indicam aumentos **generalizados** nas taxas de **violência** por **parceiro íntimo**

VPI durante a pandemia da doença **coronavírus** 2019, covid 19, mulheres veteranas correm um risco **particular** de **sofrer VPI** e a pandemia de covid 19 e as ordens de permanência em casa **resultantes** podem estar exacerbando esse risco (...) (res_21 - score: 178.04)

A violência praticada contra as mulheres, ou violência por parceiros íntimos, teve um aumento expressivo durante a pandemia. Essa violência, fruto de um sexismo arcaico ainda presente na sociedade e aliado ao racismo e ao classismo (Forester & O'brien, 2020), acomete mulheres em todo o mundo. Em decorrência da pandemia, estar restrita ao domicílio em companhia constante com agressores possibilitou uma exacerbação das violências física, patrimonial, moral e, principalmente, psicológica (Campos, Tchalekian & Paiva, 2020). Além disso, o distanciamento de outras pessoas e dos serviços de apoio, como os de saúde, pode dificultar a procura e resgate das mulheres

em situação de violência (Santos & Nascimento, 2020).

Para o enfrentamento e combate da violência doméstica contra as mulheres serão necessários investimentos, sobretudo em políticas públicas mais eficazes; sabendo que esse não é um problema recente, torna-se crucial políticas a longo prazo e não soluções apenas para esse momento atípico. Necessita-se de soluções a fim de eliminar a desigualdade de gênero e tornar as mulheres mais protagonistas e responsáveis por suas vidas, tornando-as independentes, sobretudo financeiramente (Gomes, 2020).

Como estratégia mais imediata, tendo em vista a invisibilidade da violência contra a mulher por parceiro íntimo e diante do isolamento social e da dificuldade de se denunciar por parte das mulheres, o Conselho Nacional da Justiça (CNJ) e a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) no

Brasil lançaram a Campanha Sinal Vermelho para a violência doméstica contra a mulher, tendo como foco ajudar mulheres em situação de violência a solicitarem ajuda de modo silencioso em farmácias, através da sinalização de um “X” desenhado na mão (Bandeira, 2020).

Outras estratégias abordadas nos estudos sobre violência doméstica contra a mulher por parceiro íntimo, caracterizadas como de longo prazo, envolve trabalhar com os perpetradores através da realização de: i) atividades como monitoramento ou supervisão de perto, principalmente dos parceiros que foram libertos das detenções durante a pandemia; ii) intervenções psicossociais para lidar com a violência e/ou questões relacionadas, como saúde mental e vícios; e iii) maior atenção ao gerenciamento de riscos como o estresse e frustração pelas dificuldades financeiras (Moffit et al, 2020).

Categoria 5: Permanência em domicílio como fator de propagação da violência doméstica contra a mulher durante a pandemia

No tocante à classe 1, que corresponde a 13,5% de representatividade da análise realizada, destacaram-se como principais palavras: “permanência”, “casa” e “distanciamento”, que permitem associar a relação do isolamento social à elevação dos casos de violência doméstica contra a mulher devido à adoção de medidas de distanciamento social para a contenção do novo vírus. Destacam-se, nos achados, o fechamento das escolas e a restrição para a circulação social, o que impôs às mulheres conviverem por mais tempo com seu

agressor em domicílio, contribuindo para o aumento nos casos de violência doméstica por parceiro íntimo. A seguir, alguns trechos retirados da análise do software corroboram com tal afirmação:

(...) em todo o **mundo** os **bloqueios** foram **impostos como** uma resposta pandêmica ao **COVID 19**, esse **bloqueio** juntamente com o **fechamento** de **escolas** e pedidos de **permanência** em **casa** tornou as mulheres mais vulneráveis em termos de maior responsabilidade e de passar mais tempo com um parceiro abusivo se houver (...)
(res_36 – score: 173.35)

(...) **embora necessário** para des-acelerar a **disseminação** do **coronavírus, covid 19**, ações **como distanciamento social**, abrigo no **local**, viagens restritas e **fechamento** de fundações comunitárias importantes, **provavelmente** aumentam dramaticamente o risco de **violência** em todo o **mundo** (...) (res_36 – score: 148.78)

(...) um aumento estatisticamente significativo nas **agressões** foi encontrado durante o **bloqueio** do **covid 19**, particularmente durante o período após o **fechamento** das **escolas; embora** o volume geral do trauma tenha sido reduzido durante os **mandatos de permanência** em **casa** do **covid 19**, foi observado um aumento significativo nos ataques de violência doméstica (...) (res_19 – score: 131.84)

A permanência em domicílio tem intensificado a vulnerabilidade feminina à violência doméstica, condição reforçada por Buttel & Ferreira (2020) quando pontuam que, durante o distanciamento social, os índices de violência urbana caíram, enquanto os de

violência doméstica aumentaram, o que leva a refletir sobre o perigo do lar e sobre o impacto das medidas restritivas para a segurança das mulheres.

Como pontuado em classes anteriores, a violência doméstica contra a mulher está intimamente relacionada às desigualdades de gênero que, muito antes da pandemia, já provocavam índices preocupantes. No entanto, o convívio forçado com o agressor (Dahal et al., 2020), aliado à potencialização de conflitos entre o casal, em decorrência do estresse pandêmico, da crise econômica e da sobrecarga da mulher, que passou a desempenhar funções produtivas e reprodutivas de forma ainda mais intensificada dentro do âmbito doméstico, aumenta a propensão de a mulher sofrer violência e se manter nessa situação (Rhodes et al., 2020; ONU, 2020).

Isso ocorre também em função do distanciamento da rede de apoio

formal (serviços de saúde, serviços especializados no enfrentamento da violência) e informal (amigos e familiares), o que resulta em um maior domínio do homem sobre a mulher, assim como limita o acesso da mulher à ajuda (ONU, 2020).

Sobre as estratégias mencionadas nos estudos para proteger as mulheres durante o distanciamento social, as quais, em sua maioria, estão restritas ao lar, destacam-se: i) aumento da atenção da mídia; ii) aumento da atuação dos sistemas de saúde; iii) promoção da segurança social e econômica; iv) esforços de lon-

go prazo relacionados ao financiamento de ações e pesquisas para prevenção e manejo da violência; v) adaptação de protocolos de triagem sobre violência para o modelo da telessaúde, em que se deve priorizar a verificação da segurança ambiental, com perguntas simples tipo Sim e Não, garantindo questionamentos que identifiquem que o parceiro não está presente, e vi) criação de sites/aplicativos para informação e denúncia que possuam recurso de rápida saída, para o caso de o agressor surpreender a vítima no momento do acesso (Bright, Burton & Kosky, 2020; Rossi et al., 2020).

Categoria 6: Desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na triagem e intervenção precoce



perante a violência doméstica contra a mulher

No que diz respeito à classe 4, que apresentou a menor representatividade no estudo (13,1%), sobressaíram-se os termos: “desafio”, “triagem” e “intervenção”. Os vocábulos permitem inferir o destaque do profissional de saúde inserido nos serviços para reconhecimento e acolhimento de mulheres em situação de violência, ainda na triagem dos atendimentos. A classe destaca também as dificuldades vivenciadas para atendimento profissional devido à escassez de recursos e despreparo profissional, destacando-se a importância da prevenção e intervenção precoce, através de entidades governamentais, programas, redes de apoio e tecnologias digitais, em concordância com os seguintes trechos:

(...) discutimos os **desafios potenciais** que os provedores de saúde podem encontrar ao conduzir a **triagem** de rotina para **VPI** durante a pandemia de covid 19 e ao **fornecer recursos e apoio** a **mulheres veteranas** com **VPI** (...) (res_21 - score: 200.01)

(...) é importante que nesse **contexto** de pandemia sejam ampliadas as **redes de apoio** à **mulher** em **situação** de violência conjugal, com destaque para o **uso de tecnologias digitais como possíveis** ferramentas para **triagem** de **casos** de violência em tempos de pandemia (...) (res_01 - score: 116.78)

(...) finalmente ele enfatiza os **novos desafios enfrentados** pelos profissionais de saúde ao assistir as vítimas de **VPI** durante a pandemia e **fornece possíveis recomendações** sobre ações a serem implementadas durante e após a pandemia de covid 19 para preve-



nir tais **casos** (...) (res_41 – score: 86.90)

Os profissionais de saúde que estão prestando serviços direta ou indiretamente no combate a pandemia Covid-19 desenvolvem importante papel na triagem de mulheres em situação de violência, na identificação e notificação de casos, nos cuidados e manejo em relação às agressões físicas, sexuais, entre outras, bem como na prevenção e orientação dos direitos das mulheres e locais de atendimentos, tornando-se indispensáveis no atual contexto (Procentese, 2020).

Johnson e seus coautores (2020) reforçam a importância de se garantir a manutenção e integridade dos serviços de apoio às mulheres em situação de violência, fortalecendo os serviços multidisciplinares de saúde, tornando-os mais acessíveis e capacitando os profissionais para identificarem tais situações, além de produzir e ofertar recursos que

permitam o reconhecimento, segurança, acolhimento, respeito e abordagem adequada para essas mulheres, contribuindo para o enfrentamento da violência doméstica.

Sgarbi (2021) aborda em seu estudo a necessidade de as autoridades judiciais considerarem esses serviços essenciais – para que suas portas não se fechem, assegurando a eficácia dos atendimentos – além de a redes de enfrentamento à violência oferecerem alternativas, cenários e maneiras diversas de acolhimento a essas mulheres, de forma a facilitar a decisão delas, caso queiram sair do lar, através de campanhas e projetos de conscientização, informatização e educação permanente, garantindo amparo e segurança.

Além disso, outras estratégias foram sugeridas para enfrentar os desafios impostos aos profissionais de saúde para triagem e in-

tervenção precoce no trato da mulher em situação de violência doméstica durante a pandemia, tais como: i) treinamento dos profissionais de saúde para implementação de aconselhamento *online* por telefone e telessaúde sobre violência doméstica; ii) sensibilização dos profissionais de saúde a respeito da violência doméstica praticada pelo parceiro íntimo para que apoiem a mulher; e iii) investimento em metodolo-

gia inovadora de simulação de alta realidade que trabalhe a abordagem da mulher em situação de violência doméstica, incentivando o desenvolvimento de habilidades não técnicas (escuta ativa, habilidades de comunicação, empatia e geração de confiança) (Barbara et al., 2020; Matoori et al., 2020a; Matoori et al., 2020b; Jimenez-Rodriguez et al., 2020).

Considerações finais

Os estudos permitiram reforçar que a violência doméstica contra a mulher é uma realidade cuja causa se relaciona às desigualdades de gênero, que estão ainda mais exacerbadas nesse período de crise, em que a mulher se encontra ainda mais sobrecarregada. Como agravamento, destaca-se ainda a crise econômica que impacta não somente na economia doméstica como também na

macroeconomia, repercutindo, dessa forma, no subfinanciamento de serviços essenciais para enfrentamento da violência doméstica contra a mulher. Nesse sentido, a pandemia não configura fator causal do fenômeno, mas um fator que intensifica as vulnerabilidades femininas, incutindo à mulher maior propensão para sofrer e se manter em um ciclo de violência.

A intensificação das vulnerabilidades femininas à violência associa-se não somente ao fato de a mulher se manter em convivência forçada com o agressor, mas também à crise econômica que provoca estresse tanto na mulher quanto no parceiro, fomentando conflitos. Somam-se ao quadro as limitações que a rede de enfrentamento tem sofrido desde o início da pandemia, tanto pelo distanciamento da mulher, quanto pelos investimentos reduzidos.

Além disso, é digno de preocupação o impacto mental que a pandemia e a violência têm acarretado para a mulher, dificultando ainda mais a quebra do ciclo de violência. Nesse sentido, percebe-se que as estratégias de enfrentamento propostas nos estudos são de curto e longo prazo, variando entre ações globais, que envolvem toda a sociedade, até ações de treinamento do pessoal da saúde para otimização do atendimento virtual.

Referências

Abuhammad, S. (2021). Violence against Jordanian Women during COVID-19 Outbreak. *International journal of clinical practice*, 75(3), e13824. Acesso em 10.07.2020.

Adeyemo, O. O., & Bamidele, I. (2016). The Menace of Domestic Violence: Improving the Lives of Women in Nigeria. *African Journal of Legal Studies*, 9(3), 177-198.

Alencar, J., Stuker, P., Tokarski, C., Alves, I., & Andrade, K. (2020). *Políticas Públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da Covid-19: ações presentes, ausentes e recomendadas*. Brasília: IPEA, 2020.



- Ali, P. A., & Naylor, P. B.** (2013). Intimate partner violence: A narrative review of the feminist, social and ecological explanations for its causation. *Aggression and Violent Behavior, 18*(6), 611-619.
- Amaral, L. B. D. M., Vasconcelos, T. B. D., Sá, F. E. D., Silva, A. S. R. D., & Macena, R. H. M.** (2016). Violência doméstica e a Lei Maria da Penha: perfil das agressões sofridas por mulheres abrigadas em unidade social de proteção. *Revista Estudos Feministas, 24*(2), 521-540.
- Avdibegovic, E., Brkic, M., & Sinanovic, O.** (2017). Emotional profile of women victims of domestic violence. *Materia socio-medica, 29*(2), 109.
- Bandeira, L. M.** (2014). Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Sociedade e Estado, 29*(2), 449-469.
- Bandeira, R.** (2020). *Sinal Vermelho: CNJ lança campanha de ajuda a vítimas de violência doméstica na pandemia*. Agência CNJ de Notícias. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sinal-vermelho-cnjlanca-campanha-de-ajuda-a-vitimas-de-violencia-domestica-na-pandemia/>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- Barbara, G., Facchin, F., Micci, L., Rendiniello, M., Giulini, P., Cattaneo, C., ... & Kustermann, A.** (2020). COVID-19, lockdown, and intimate partner violence: Some data from an Italian service and suggestions for future approaches. *Journal of women's health, 29*(10), 1239-1242.
- Batista, D. H. M., Braz, M. M.** (2017). *Repercussões da violência doméstica na saúde mental da mulher: revisão de literatura*. Anais do 9º salão internacional de ensino, pesquisa e extensão – SIEPE: Universidade Federal do Pampa.
- Brasil.** (2006). Presidência da República. *Lei 13.104, de 9 de março de 2015*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm. Acesso em: 1º fev. 2021.
- Brasil.** (1996). Decreto Nº 1.973, DE 1º de Agosto de 1996. *A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher* (Convenção de Belém do Pará). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm. Acesso em 14 fev. 2021.
- Brasil.** (2006). *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em : 19 jan. 2021.

Brasil. (2020). *Coronavírus: sobe o número de ligações para canal de denúncia de violência doméstica na quarentena Brasil*: Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ODNH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/coronavirus-sobe-o-numero-de-ligacoes-para-canal-de-denuncia-de-violencia-domestica-na-quarentena>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Bright, C. F., Burton, C., & Kosky, M. (2020). Considerations of the impacts of COVID-19 on domestic violence in the United States. *Social Sciences & Humanities Open*, 2(1), 100069.

Brilhante, A. V. M., Moreira, G. A. R., Vieira, L. J. E. D. S., & Catrib, A. M. F. (2016). Um estudo bibliométrico sobre a violência de gênero. *Saúde e Sociedade*, 25, 703-715.

Buttell, F., & Ferreira, R. J. (2020). The hidden disaster of COVID-19: Intimate partner violence. *Psychological trauma: theory, research, practice, and policy*, 12(S1), S197.

Campos, B., Tchalekian, B., & Paiva, V. (2020). Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de sars-Cov-2/covid-19 em São Paulo. *Psicologia & Sociedade*, 32.

Cerqueira, D., Bueno, S., Alves, P.P., Lima, R. S., Silva, E. R. A., Ferreira, H, ... & Figueiredo, T. S. (2020). *Atlas da Violência 2020* [Internet]. IPEA. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf>

Dahal, M., Khanal, P., Maharjan, S., Panthi, B., & Nepal, S. (2020). Mitigating violence against women and young girls during COVID-19 induced lockdown in Nepal: a wake-up call. *Globalization and health*, 16(1), 1-3.

Santos Oliveira, B., & Nascimento, F. L. (2020). Pandemia da covid-19 e a violência doméstica no Brasil e em Roraima. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 4(10), 123-135.

Euronews. (2020). *Domestic violence cases jump 30% during lockdown in France*. Euronews [Internet]. Disponível em: <https://www.euronews.com/2020/03/28/domestic-violence-cases-jump-30-during-lockdown-in-france>»

Forester, S., & O'Brien, C. (2020). Antidemocratic and Exclusionary Practices: COVID-19 and the Continuum of Violence. *Politics & Gender*, 16(4), 1150-1157.

Gomes, K. S. (2020). Violência contra a mulher e Covid-19. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(224), 119-129.

Gulati, G., & Kelly, B. D. (2020). Domestic violence against women and the COVID-19 pandemic: What is the role of psychiatry?. *International journal of law and psychiatry*, 71, 101594.

Hamadani, J. D., Hasan, M. I., Baldi, A. J., Hossain, S. J., Shiraji, S., Bhuiyan, M. S. A., ... & Pasricha, S. R. (2020). Immediate impact of stay-at-home orders to control COVID-19 transmission on socioeconomic conditions, food insecurity, mental health, and intimate partner violence in Bangladeshi women and their families: an interrupted time series. *The Lancet Global Health*, 8(11), e1380-e1389.

Haq, W., Raza, S. H., & Mahmood, T. (2020). The pandemic paradox: domestic violence and happiness of women. *PeerJ*, 8, e10472.

Jacques-Aviñó, C., López-Jiménez, T., Medina-Perucha, L., De Bont, J., Gonçalves, A. Q., Duarte-Salles, T., & Berenguera, A. (2020). Gender-based approach on the social impact and mental health in Spain during COVID-19 lockdown: a cross-sectional study. *BMJ open*, 10(11), e044617.

Jiménez-Rodríguez, D., Belmonte García, M. T., Santillán García, A., Plaza Del Pino, F. J., Ponce-Valencia, A., & Arrogante, O. (2020). Nurse training in gender-based violence using simulated nursing video consultations during the CoViD-19 pandemic: a qualitative study. *International journal of environmental research and public health*, 17(22), 8654.

Johnson, K., Green, L., Volpellier, M., Kidenda, S., McHale, T., Naimer, K., & Mishori, R. (2020). The impact of COVID-19 on services for people affected by sexual and gender-based violence. *International Journal of Gynecology & Obstetrics*, 150(3), 285-287.

La Provincia. (2020). *Coronavirus: casi di violenza sulle donne raddoppiati in emergenza*. *La Provincia* [Internet]. Disponível em: <https://www.laprovinciacr.it/news/italia-e-mondo/244892/coronavirus-casi-di-violenza-sulle-donne-raddoppiati-in-emergenza.html>

Leite, L., de Almeida, M. D. C. C., Ortelan, N., Fernandes, Q. H. R. F., Ortiz, R. J. F., Palmeira, R. N., ... & Lima, R. T. D. R. S. (2020). Medidas de distan-

ciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(Supl.1), 2423-2446.

Lima, R. C. (2020). Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30, e300214.

Lucena, K. D. T. D., & Tristán-Cheever, E. (2018). Gênero e violência: contribuições para o debate. *J Hum Growth Dev...* 28(2), 109-112. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.147315>.

Marques, E. S., Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F.; Reichenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cad. Saúde Pública*, 36(4).

Matoori, S., Khurana, B., Balcom, M. C., Froehlich, J. M., Janssen, S., Forstner, R., ... & Gutzeit, A. (2020a). Addressing intimate partner violence during the COVID-19 pandemic and beyond: how radiologists can make a difference. *European radiology*, 1-6.

Matoori, S., Khurana, B., Balcom, M. C., Koh, D. M., Froehlich, J. M., Janssen, S., ... & Gutzeit, A. (2020b). Intimate partner violence crisis in the COVID-19 pandemic: how can radiologists make a difference? *Eur Radiol*. 2020, 30(12):6933-6936.

Minayo, MCS. (2006). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9ª ed. São Paulo: EDUC.

Moffitt, P., Aujla, W., Giesbrecht, C. J., Grant, I., & Straatman, A. L. (2020). Intimate Partner Violence and COVID-19 in Rural, Remote, and Northern Canada: Relationship, Vulnerability and Risk. *Journal of family violence*, 1-12.

Organização das Nações Unidas (ONU). (2020). *Gênero e covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta*. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf

Organização das Nações Unidas (ONU). (2020). *Mulheres Brasil. Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta*. Brasília: ONU Mulheres Brasil.

Organização Mundial da Saúde (OMS). (2012). Natureza, magnitude e consequências da violência sexual e da violência por parceiro íntimo. In *Pre-*

venção da Violência Sexual e da Violência pelo Parceiro Íntimo Contra a Mulher: Ação e produção de evidência. Organização Mundial da Saúde.

Procentese, F., Fasanelli, R., Carnevale, S., Esposito, C., Pisapia, N., Arcidiacono, C., & Napoli, I. D. (2020). Downside: the perpetrator of violence in the representations of social and health professionals. *International journal of environmental research and public health*, 17(19), 7061.

Raj, A., Johns, N. E., Barker, K. M., & Silverman, J. G. (2020). Time from COVID-19 shutdown, gender-based violence exposure, and mental health outcomes among a state representative sample of California residents. *EClinicalMedicine*, 26, 100520.

Rhodes, H. X., Petersen, K., Lunsford, L., & Biswas, S. (2020). COVID-19 resilience for survival: occurrence of domestic violence during lockdown at a rural American college of surgeons verified level one trauma center. *Cureus*, 12(8).

Rossi, F. S., Shankar, M., Buckholdt, K., Bailey, Y., Israni, S. T., & Iverson, K. M. (2020). Trying times and trying out solutions: intimate partner violence screening and support for women veterans during CoViD-19. *Journal of general internal medicine*, 35(9), 2728-2731.

Sediri, S., Zgueb, Y., Ouanes, S., Ouali, U., Bourgou, S., Jomli, R., & Nacef, F. (2020). Women's mental health: acute impact of COVID-19 pandemic on domestic violence. *Archives of women's mental health*, 1-8.

Sgarbi, A. C. (2021). *Redução de risco de desastres: uma análise da subprefeitura do Butantã SP pela perspectiva da ISO 37123-desenvolvimento sustentável de comunidades-indicadores de cidades resilientes* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Silva, A. F. D., Estrela, F. M., Soares, C. F. S., Magalhães, J. R. F. D., Lima, N. S., Morais, A. C., ... & Lima, V. L. D. A. (2020). Elementos precipitadores/intensificadores da violência conjugal em tempo da Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3475-3480.

Sousa, A. A. P. D. M. A., Thais, A. L., & Kerle, D. T. D. L. (2018). O significado da violência de gênero saúde mental de mulheres. *Cuba Salud*, 2018.

Souza, A. A. C. D., & Cintra, R. B. (2018). Conflitos éticos e limitações do atendimento médico à mulher vítima de violência de gênero. *Revista bioética*, 26(1), 77-86.

Tadesse, A. W., Tarekegn, S. M., Wagaw, G. B., Muluneh, M. D., & Kassa, A. M. (2020). Prevalence and associated factors of intimate partner violence among married women during CoViD-19 pandemic restrictions: a community-based study. *Journal of interpersonal violence*, 0886260520976222.

Trigueiro, T. H., Silva, M. H. D., Merighi, M. A. B., Oliveira, D. M. D., & Jesus, M. C. P. D. (2017). O sofrimento psíquico no cotidiano de mulheres que vivenciaram a violência sexual: estudo fenomenológico. *Escola Anna Nery*, 21(3).

Vieira, F. S. (2016). *Crise econômica, austeridade fiscal e saúde: que lições podem ser aprendidas?* Disponível em: https://www.ipea.gov.br/porta1/index.php?option=com_content&view=article&id=28422:nota-tecnica-2016-agosto-numero-26-disoc-previdencia-rural-cri-se-economica-austeridade-fiscal-e-saude-que-licoes-podem-ser-aprendidas-&catid=192:disoc&directory=1. Acesso em: 14 fev. 2021.

Vieira, P. R., Garcia, L. P., & Maciel, E. L. N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, e200033.

Viero, A., Barbara, G., Montisci, M., Kustermann, K., & Cattaneo, C. (2020). Violence against women in the Covid-19 pandemic: a review of the literature and a call for shared strategies to tackle health and social emergencies. *Forensic science international*, 110650.

Waiselfiz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil*. Disponível em: https://www.mapadaviolencia.net.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 20 jan.2021.

Wanqing Z. (2020). *Domestic Violence Cases Surge During COVID-19 Epidemic*. *Sixth Tone* [Internet]. Disponível em: <https://www.sixthtone.com/news/1005253/domestic-violence-cases-surge-during-covid-19epidemic>
» <https://www.sixthtone.com/news/1005253/domestic-violence-cases-surge-during-covid-19epidemic>

World Health Organization. (WHO). (2020). *Director General's opening remarks at the media briefing on COVID-19*. Disponível em: www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-mediabriefing-on-covid-19. Acesso em: 13 fev. 2021

Recebido em: 26/03/2021

Aprovado em: 20/09/2021

